

O caminho de uma Igreja entre a imigração e a integração*

Wilfrid Buchweitz

Existem vários motivos para igrejas ou cristãos migrarem de um país para outro. Há na história exemplos de grupos de cristãos que migraram por causa de sua fé, e que migraram como igreja, de um lugar a outro. Há outros casos de pessoas que migraram por outros motivos, econômicos, profissionais, culturais, políticos, e onde, acidentalmente, há entre essas pessoas um certo número de cristãos de uma mesma denominação, que na nova terra se uniram para formar uma igreja. Existe no mundo um número considerável de igrejas originárias da migração. Entre elas encontram-se várias igrejas na América do Sul, formadas por migrantes de origem alemã.

Quero tentar destacar alguns traços importantes das igrejas de imigração:

1 — É natural que num início mais ou menos longe prevaleça uma situação que tem se chamado de relação de igreja-mãe e igreja-filha. Não importa que a nova igreja esteja estruturada ou não como nova igreja, é normal que, no início, ela não possa nem queira e, provavelmente, nem deva cortar as relações com suas origens. Então pode acontecer que a mãe dê o acompanhamento à filha, ou que a filha peça o acompanhamento da mãe. Essa relação pode ser normal e sã, ou pode ser anormal e doentia, por liberdade ou por culpa da mãe, da filha, ou de ambas.

2 — Num próximo momento, é possível e provável que a relação mãe-filha se transforme numa relação de irmã para irmã, que a nova igreja ganhe maior liberdade, firmeza e estabilidade e que ela consiga caminhar com maior autonomia. Isso não elimina a possibilidade ou a necessidade de que uma igreja ajude a outra.

Nos dois casos acima, 1 e 2, as figuras usadas, de "mãe e filha" e "irmã e irmã", têm sentido sociológico. Teologicamente, não se pode falar em igreja-mãe e igreja-filha. Teologicamente, cada igreja é igreja plena. A igreja formada por imigrantes é igreja no sentido pleno da palavra, tão igreja como aquela da qual vieram seus membros. Bastam dois ou três cristãos estarem reunidos em nome de Jesus para que ali haja igreja plena no sentido teológico. Não cabe sentimento nem de superioridade nem de inferioridade em nenhum momento e em nenhuma das igrejas.

3 — Uma outra pergunta é a da relação da nova igreja com o novo mundo para o qual ela migrou. Que novo mundo é esse? Como ele recebe e aceita a nova igreja? Ou ele é indiferente? Ou é hostil?

O novo mundo é grande e forte e a nova igreja é pequena e frágil? Qualquer um desses aspectos vai determinar uma reação totalmente diferente da nova igreja. Dependendo da situação, pode surgir uma igreja tímida, defensiva, voltada para si mesma e preocupada com a própria sobrevivência, ou uma igreja livre, aberta, voltada para o mundo ao seu redor e disposta a pôr seu ministério a serviço do mundo ao redor.

O que é dito acima, no item 3, é novamente uma linguagem sociológica. Não podemos fugir disso. A igreja é, sempre, também uma grandeza sociológica, onde estão presentes as leis e os valores da sociedade. A igreja não precisa ser escrava das leis e dos valores da sociedade, porque ela tem por base o evangelho de Jesus Cristo. Isso a torna missionária em qualquer mundo e onde não importa se a igreja é grande ou pequena, se é fraca ou forte. O evangelho promete dar, a qualquer igreja, força e sabedoria para poder atuar em qualquer mundo em que se encontre. A partir do evangelho, cada igreja pode se situar adequadamente em qualquer mundo em que for inserida. Mas a igreja não é uma entidade puramente teológica. Ela vive no mundo ao seu redor e sofre as influências das leis e dos valores desse mundo.

Pode-se perguntar a respeito de qualquer igreja, qual é a sua principal força motivadora, se é a força do evangelho de Jesus Cristo ou se são outras forças. Poderia ser que a força das necessidades religiosas fosse a maior força na igreja. Poderia ser que a sensação de poder daqueles que detêm a liderança de uma igreja. A preocupação por conservar um estilo de vida de épocas passadas em meio a um mundo com mudanças extremamente rápidas pode ser uma forma sustentatória da igreja. É necessário avaliar constantemente qual é a principal força sustentadora e propulsora de uma igreja. A igreja está constantemente em perigo de se afastar de sua verdadeira missão e espírito. É a situação da "ecclesia semper reformanda" da qual fala a Reforma.

As igrejas de imigração estão sujeitas a tentações bem características para a sua situação. No lugar do evangelho de Jesus Cristo pode haver outros valores aglutinadores de muito peso. Às vezes, o elemento étnico é de importância muito grande. Longe da terra de origem de repente se torna muito importante reunir as pessoas que têm a mesma tradição, que falam a mesma língua, que cantam as mesmas canções, que gostam da mesma comida. Fatores étnicos, culturais, lingüísticos, econômicos têm sido forças que reúnem muito eficientemente grupos de imigrantes. E comunidades cristãs têm sido o chão, o local, onde essas reuniões têm acontecido, às vezes sem que a verdadeira substância da igreja cristã, a fé em Jesus Cristo, tenha tido muita importância.

Não que a etnia de um grupo, sua cultura, sua língua, suas canções, sua comida e bebida fossem elementos negativos, nada disso.

Todos aqueles elementos são importantes e podem ter valor muito positivo, podem ser essenciais para a sobrevivência de um grupo imigrante, mas isso não pode ser nem a preocupação única nem primeira de uma igreja cristã. Os elementos étnico-culturais podem muito bem ser valores e talentos que Deus coloca na mão e na vida de grupos de imigrantes para que possam achar de forma mais natural e ordenada seu caminho para dentro do novo mundo que escolheram, talentos com os quais podem enriquecer inclusive a nova terra e os novos compatriotas em meio aos quais agora vivem. Os valores culturais são muito importantes para cada grupo e cada povo. É bom que isso seja reconhecido e dito também pelas igrejas. Quem despreza seus valores culturais arranca suas próprias raízes da terra em que cresceram. Talvez seja necessário que a igreja promova valores culturais. Mas, isso não pode ser a preocupação principal dela! Para a igreja também a autopreservação da comunidade e de seus membros pode ser importante, mas para ela nenhuma autopreservação é completa quando dela não faz parte a dimensão do evangelho. E na visão da igreja a autopreservação nunca pode ser sua única preocupação. Uma igreja não pode estar satisfeita com a preservação e o bem-estar do grupo imigrante e por isso não pode concordar com casos onde a etnia, a cultura, o próprio evangelho levam à introversão do grupo e se tornem instrumentos de separação, de segregação e de fechamento da comunidade imigrante. Uma igreja é sempre aberta para o mundo ao redor. Faz parte de uma igreja a atitude dialógica com o mundo ao redor. Uma igreja sempre experimenta um movimento centrífugo, do centro para fora. Uma igreja não pode existir sem a dimensão missionária. Às vezes talvez não seja possível ou conveniente uma *ação* missionária, mas sempre precisa haver uma *visão* missionária. Talvez haja na igreja momentos onde ela não tem forças para empreendimentos missionários, mas a consciência e a visão missionárias ela precisa ter. Ou ela perde sua condição de igreja, deixa de ser igreja.

De que maneira e em que direção uma igreja de imigração pode e deve ser missionária?

Ela deve ser missionária para dentro de si mesma. Às vezes se diz que uma igreja deve ser missionária para dentro dela mesma em primeiro lugar, que em primeiro lugar ela deve se preocupar com a missão e evangelização entre seus próprios membros, que deve pôr em ordem primeiro sua própria casa e só depois sair para fora. Não penso assim. Não penso que se deva determinar tão claramente que em primeiro lugar seja necessário trabalhar em casa e depois fora de casa. Entendo a necessidade de missão sempre simultaneamente em casa e fora de casa. As duas direções devem ter importância igual. Por motivos pedagógicos e estratégicos pode ser necessário dar mais peso uma vez a uma direção e outra vez a outra.

Há em igrejas de imigração a necessidade de auto-evangeliza-

ção. Cada igreja e cada cristão precisa sempre de novo ser confrontado com o evangelho de Jesus Cristo. Na vida de cada cristão o acontecimento do batismo precisa ser colocado sempre de novo, ao longo de toda a vida, para que a vida do cristão e da igreja possa, sempre de novo, ser uma resposta ao batismo e ao evangelho. É um fenômeno conhecido que em áreas de migração vivem pessoas que tentam fugir da igreja, gente que fica decepcionada quando a igreja os acha, gente que com seu lugar de origem gostaria de ter deixado para trás a igreja de origem. Pode ser que a igreja os tenha prendido e oprimido em demasia ou pode ser que esses membros não queiram assumir a cruz que a participação na igreja significa. Por todos esses motivos uma igreja de imigração precisa de uma constante reforma dentro de si mesma.

Há nas igrejas de imigração a necessidade de missão para fora. Também em países onde praticamente todos são batizados, como é o caso da América Latina, há cada vez mais gente que não está ligada a nenhuma igreja e que não vive seu batismo. Para com estas pessoas todas as igrejas têm responsabilidade. Ou há cada vez mais seitas e movimentos religiosos que não são mais cristãos, que são pós-cristãos, e onde a igreja é chamada à "re-evangelização". Em parte são seitas que mantêm seus membros presos a um legalismo escravizante e que necessitam da libertação pelo evangelho de Jesus Cristo. Ou são movimentos religiosos que alienam o homem de uma fé livre, alegre e comprometida com o dia-a-dia da vida.

E há outras áreas, outros mundos que precisam da missão da igreja. Na América Latina há todo um mundo cheio de sofrimento, de miséria, de fome, de doença, de analfabetismo, para o qual Jesus não teria fechado os olhos e para o qual creio que Ele não queira que a igreja feche os olhos. Pelo contrário, não tenho dúvida de que Jesus queira que as igrejas, também as igrejas de imigração, abram mais e mais os olhos para esta realidade e se perguntem o que significa ser cristão e igreja diante dessa realidade. Na América Latina, os povos são quase 100% batizados, os que têm poder e os que não têm, os que são bem situados economicamente e os que não o são, os que têm instrução e os que são analfabetos. Todos são batizados e a grande maioria se diz cristã. Todos conhecem, intelectualmente, Jesus Cristo, mas muitos não experimentam a presença de Jesus Cristo, não sentem nada da ação salvadora e libertadora de Jesus Cristo em suas vidas. Suas vidas são um sofrimento só. Não percebem nada da ressurreição, nada de que o reino de Deus já está presente.

Cada igreja, também a igreja de imigração, tem que olhar para dentro de si e descobrir onde tem que ser renovada e reformada. E cada igreja tem que olhar ao redor de si e se perguntar onde e de que maneira ela pode ser luz, sal e fermento para o mundo ao redor.

A partir da compreensão de igreja no Novo Testamento, a

igreja de imigração precisa oferecer seus serviços ao mundo, ao novo mundo e país em que se encontra. Isso não precisa ocorrer desde o primeiro dia, talvez nem possa ocorrer desde o primeiro dia, mas nalgum momento da história isso precisa começar a acontecer. A igreja de imigração nalgum momento precisa começar a sentir amor pelo mundo ao redor e a se perguntar como e quando pode começar a oferecer esse amor ao mundo em meio ao qual agora vive. Nenhuma igreja tem licença de se amar apenas a si mesma.

Também uma igreja pequena não está isenta de sua responsabilidade missionária. Uma pequena igreja de imigração em um país de dimensões geográficas grandes e em meio a uma outra igreja grande tem sua tarefa missionária. Ela mesma terá que descobrir essa tarefa. Quanto mais forte for o embasamento teológico dessa igreja, tanto mais fácil e eficientemente ela se desencumbirá dessa tarefa, sem pôr em risco sua própria identidade. Quando os elementos sociológicos que unem uma igreja são mais fortes que os teológicos então a abertura para fora põe em risco a existência de uma igreja. Quando a etnia é a base principal de uma igreja então a abertura para o mundo ao redor pode ser um perigo. Quando a língua é a principal caracterização de uma igreja, então é perigoso aprender a língua do país. Na minha igreja no Brasil, no passado, líderes disseram em público que no momento em que a igreja desistisse de seu germanismo, ela desapareceria como igreja.

O tamanho pequeno da igreja não deve impressionar demais. Ele não pode ser negado e é importante que se tenha consciência de suas forças. Mas pouca força não precisa ser motivo para medo e angústia. A força de Jesus está na sua fraqueza. Ele se torna fraco para poder ser forte. A cruz de Jesus é a maior força deste mundo. Paulo confessa que quando ele é fraco então ele é forte. Mesmo assim ele gostaria de ser forte. Cada cristão gostaria de ser forte, cada igreja cristã gostaria de ser forte. A força é uma tentação. Muitas igrejas fortes são extremamente fracas. As igrejas constantemente caem na tentação de querer impressionar por sua força, tentam impor-se de cima para baixo. Jesus desce do céu e fica com os homens no seu nível mais baixo e tenta ajudá-los de baixo para cima. Se uma igreja de imigração tentar usar a sua força de cima para baixo provavelmente estará perdida muito ligeiro, mas se ela tentar usar sua força de baixo para cima, há uma boa chance de ela crescer e poder cumprir sua missão.

Há alguns textos clássicos que fundamentam a missão da igreja no mundo. São conhecidos os textos de Mc 16.15 e Mt 28.18-20, por exemplo, que motivam a igreja para uma dinâmica missionária no sentido geográfico. Sem dúvida essa é uma dimensão importante da missão da igreja, que ela vá ao mundo para pregar o evangelho, para ensinar e batizar. Mas a dimensão geográfica é apenas uma direção da missão da igreja. Ao lado dela existem outras e parece que em nos-

sof dias é oportuno lembrar outras dimensões. Sabemos que a dimensão geográfica não basta. Um pastor pode ir ao quarto de um hospital e estar entre as mesmas quatro paredes com um doente sem estar perto do doente. Pode ser que o pastor não chegue perto do doente, porque não consegue perceber a verdadeira situação do doente. Assim também a igreja pode viver no mesmo espaço geográfico em que vivem centenas ou milhares de pessoas sem sintonizar com elas, sem perceber em que mundo vivem essas pessoas. A igreja pode estar perto delas psicologicamente ou sociologicamente, ou economicamente, ou culturalmente. A presença geográfica da igreja em algum lugar, pode ser um testemunho negativo. Por isso é importante que a igreja de tempos em tempos leia a Bíblia toda para descobrir que dimensões da igreja são importantes em determinadas situações. Lembro-me de duas passagens do Novo Testamento que na minha opinião, de momento, são muito importantes para as igrejas: Fp 2.5-11 e Jo 1.14. Jesus abandonou seu lugar junto a Deus para vir a viver junto aos homens. Esvaziou-se de sua glória para se tornar homem. Tornou-se carne, concreto, palpável, visível, adotou forma humana e viveu como vivem os homens. Saiu de seu mundo para vir ao mundo dos homens. Saiu de sua casa para vir à casa dos homens. Jesus não realiza apenas uma mudança geográfica, ele realiza uma mudança de substância. Ele vai ao lugar geográfico dos homens, mas ele, ao mesmo tempo, vai ao lugar psicológico, sociológico, econômico e religioso dos homens. Entendo que, também nesse sentido, Jesus espera que a igreja e os cristãos lhe sigam os passos. Como a igreja pode estar geograficamente perto do homem de hoje, continua a ser uma pergunta importante. Mas como a igreja pode estar perto do homem de hoje nas outras dimensões da vida, nas dimensões cultural, econômica, familiar e outras, é uma pergunta da mesma forma importante.

Como é que uma igreja pode proceder diante desses desafios todos? Como é que, especialmente uma igreja de imigração, pode se colocar diante do mundo que a cerca? Como é que ela pode se firmar a si mesma sem se tornar defensiva? Como é que ela pode estar voltada para dentro e para fora ao mesmo tempo? Como é que ela pode se missionar a si mesma e missionar o mundo ao seu redor? Como é que ela pode caminhar na dimensão geográfica e na dimensão cultural, étnica e outras dimensões ao mesmo tempo? Como é que uma igreja de imigração pode oferecer e compartilhar os valores positivos que ela traz de sua tradição com os outros habitantes do país para onde ela imigrou?

Certamente não é possível dar aqui todas as respostas. Muitas delas só podem ser dadas de caso para caso e de situação para situação. O mais importante é que se tenha consciência da problemática toda e que se queira, conscientemente e sistematicamente, trabalhar a questão. Mas acho que alguns aspectos podem ser abordados de ma-

neira geral e de forma a valerem para todas ou muitas situações. Vou tentar enumerar alguns pontos que acho que valem de uma maneira mais geral.

1 — Cada igreja de imigração é enviada por Deus para a nova terra com uma missão que Ele espera que a igreja cumpra. Não importa por que motivos a igreja ou membros isoladamente de uma igreja vão para uma nova terra, Deus tem uma missão para esta igreja. Deus vocaciona a nova igreja para uma missão na nova terra. É importante que a igreja se sinta vocacionada para sua nova missão, que ela se pergunte pela nova missão. Nenhuma igreja vai acidentalmente para um novo país. Nenhuma igreja é acidentalmente uma igreja de imigração. Para um cristão ou uma igreja não vale estar em primeiro lugar num novo país por motivos econômicos, em segundo lugar por motivos culturais, em terceiro lugar por motivos políticos, deixando a motivação cristã em quarto ou quinto lugar, ou em nono ou décimo lugar. Para o cristão e a igreja a motivação evangélica sempre é prioridade e vem antes ou junto com qualquer outro tipo de motivação. O que então eu quero dizer é que cada igreja de imigração é vocacionada por Deus para ser Sua igreja na nova terra e para esta nova terra. Deus vocaciona cada igreja de imigração para ser igreja para os imigrantes e para toda a população do país, sempre que isso for necessário.

2 — Por causa dos imigrantes e por amor a eles, a igreja de imigração não pode logo abandonar a maneira de ser igreja do país de origem. Tem que conservar a maneira de ser igreja do país de origem. Situações de migração e momentos de migração não se prestam para fazer grandes reformas na igreja. Num mundo novo, cheio de inseguranças, os membros de uma igreja esperam que ela não aumente ainda mais sua insegurança. Ao mesmo tempo, porém, uma igreja de imigração não pode se fechar ao novo mundo. Tem que penetrar no novo mundo e tem que permitir que o novo mundo penetre nela. E para isso tem que começar cedo a procurar caminhos para ser igreja de acordo com os costumes, a cultura, a língua e toda a realidade social do novo mundo. A nova igreja tem que se expor, tem que se arriscar, tem que estar disposta a morrer para o novo mundo. Só assim há chance de crescer nova vida, uma nova vida numa nova igreja num novo mundo.

3 — O que os pontos acima significam na prática, cada igreja de imigração deve elaborar na sua situação específica. Cada igreja terá que achar seu caminho. Mas existem algumas coisas que valem de maneira ampla:

a — A questão dos pastores é um elemento chave na integração de uma igreja. Tão cedo quanto possível deve surgir a preocupação por pastores nascidos no país. Por mais fiel que seja o serviço de pastores que vêm da igreja de origem, a maioria volta para a terra na-

tal depois de alguns anos e leva embora toda a experiência adquirida e vêm novos pastores, sem experiência na nova igreja. Muitas vezes, as igrejas de imigração se tornam "exportadoras" de uma grande quantidade de experiência pastoral. A igreja de origem é beneficiada com isso, e isso é muito bom. Mas na nova igreja, essa experiência vai fazer falta. Um dos estudos feitos na missiologia sobre a composição do quadro de missionários em igrejas de missão diz que uma igreja pode ser considerada autóctone quando 20% ou menos de seus obreiros são provenientes de fora ou, dizendo isso pelo outro lado, quando 80% ou mais dos obreiros são provenientes da nova igreja. Pode ser que esse estudo não seja diretamente aplicável a uma igreja de imigração, mas ele sem dúvida levanta uma questão chave na integração de uma igreja. Por outro lado, sou de opinião que é feliz a igreja que sempre tem alguns pastores estrangeiros. Além de eles trazerem idéias e impulsos de fora, eles enxergam coisas que a própria igreja às vezes não enxerga. Sempre há o perigo de que pessoas que vivem e trabalham num certo lugar fiquem cegas para certos vícios que cometem no trabalho e só alguém que vem de fora enxerga isso.

b — Cada igreja precisa (e também para isso o quadro de pastores é muito importante) elaborar sua própria teologia. Claro que existem questões básicas na teologia, que valem para todas as igrejas e em todas as situações, mas a aplicação concreta dessas coisas básicas na vida da igreja às vezes é feita de maneira diferente. E os acentos teológicos e práticos de uma igreja podem ser diferentes porque o mundo em que vivem as igrejas é diferente de um país para outro. Quando leio livros e revistas teológicas da Alemanha, constato que uma das questões importantes ali é a secularização. Por isso, muitos temas são abordados sob essa perspectiva. Na América Latina, o problema da secularização não é tão grande. Aqui, o problema da religiosidade é muito mais importante. Todo o mundo é religioso e confunde isso com fé cristã. Nas igrejas da Alemanha, a questão da paz é uma preocupação muito importante. A situação da Alemanha entre as duas potências Rússia e Estados Unidos da América, com seus mísseis e armas nucleares, levanta constantemente a preocupação com a guerra e o anseio pela paz. Na América Latina, a paz também é importante, mas a questão da justiça é muito maior. Na Europa, a questão da justiça social está muito mais equacionada e por isso a preocupação da igreja não precisa ser tão grande. Na Alemanha há uma constante preocupação, também nas igrejas, pelos trabalhadores estrangeiros, os "Gastarbeiter". No Brasil não temos preocupações com trabalhadores estrangeiros, mas temos preocupações com os índios que estão sendo exterminados. Assim, cada igreja precisa elaborar sua reflexão teológica e sua prática teológica. Cada igreja precisa elaborar o que a evangelização e a encarnação do amor de Jesus Cristo significam para seu mundo e qual a pedagogia e estratagemia que

deve ser usada para isso. Nenhuma igreja pode ser totalmente dependente da teologia de outra igreja. Cada igreja também precisa saber enfrentar as correntes de pensamento, as filosofias e as ideologias de seu próprio país.

c — A igreja precisa ocupar-se com sua língua e com sua linguagem. Até que ponto ela precisa conservar a língua de seu país de origem para que os membros entendam a pregação? Até que ponto a Filhos e outras pessoas interessadas possam entender a pregação? Junto com o problema da língua vai o problema da linguagem. Uma igreja onde os filhos têm 5 anos de escola não pode usar a mesma linguagem que uma igreja onde os filhos têm 12 anos de escola. Uma igreja de cidade não pode usar a mesma linguagem que uma igreja de zona rural. Por isso, uma igreja dificilmente pode importar seu material de ensino confirmatório ou de trabalho com jovens ou de outra área de atividades da igreja de um outro país.

d — A igreja de cada país precisa elaborar sua própria liturgia e seu culto. Deve haver uma preocupação ecumênica. A igreja não pode ser simplesmente indiferente à liturgia e ao culto em outras partes do mundo. Cada igreja deve tentar ter presente a consciência de que seu culto se realiza ao lado e junto com o culto de outros momentos da história e de outras igrejas e povos do mundo. Ao mesmo tempo, a liturgia de cada igreja tem algo bem específico dela. Os hinos e as orações, por exemplo, precisam referir-se à situação bem concreta de sua vida e de sua fé. Não se pode importar simplesmente orações de outros séculos e de outros contextos geográficos, sociais e eclesiais.

e — Um dos fatores importantes relacionados com a dependência ou independência, também com uma saudável interdependência, está relacionado com o dinheiro. Sem dúvida, o cristão pode sentir muita liberdade em aceitar a ajuda de seus irmãos também na área do dinheiro. Mas é importante para a própria igreja que ela faça uma boa reflexão teológica sobre o dinheiro, tanto o dinheiro que vem de fora como o dinheiro que vem de dentro. Dinheiro tem muita força e muitas vezes ele nos torna difícil uma atitude e decisões livres em relação a ele. Dinheiro recebido de fora pode fazer bem ou mal. Ele pode ser uma ajuda vital ou pode prejudicar de maneira fatal. Pode nos ajudar a realizar tarefas inadiáveis ou pode nos levar a construir "elefantes brancos", que não são de primeira necessidade e que não podemos sustentar depois. Tentar reunir todos os recursos possíveis com meios próprios é muito importante para a própria igreja. Apelar facilmente demais para recursos de fora é prejudicar a si mesmo.

Com isso vou chegando ao fim. Antes de encerrar, porém, quero manifestar a minha opinião de que a teologia da igreja luterana tem uma contribuição muito importante a oferecer no quadro das igrejas da América Latina. É claro que a igreja luterana não pode se

isolar. Tem que ter espírito e abertura ecumênica. Neste contexto ecumênico a igreja luterana vive ao lado da grande igreja católica romana, com sua supremacia numérica e sua hierarquia firmemente estruturada, em muitos lugares com sua nova teologia da libertação. No outro lado estão na América Latina as igrejas pentecostais com seu grande zelo missionário, mas também com sua tendência legalista. Tanto ao lado da teologia da libertação como ao lado da teologia pentecostal legalista, a proposta luterana da justificação por graça é uma proposta muito importante e que pode ser de grande valor no contexto sul-americano. Naturalmente a igreja luterana tem que estar disposta a ser perguntada e questionada e ouvir as propostas das outras igrejas. Parece-me que especialmente a questão da nova obediência deveria ser refletida pelas igrejas luteranas. Ela tem se autodenominado de igreja da Palavra e tem se tornado por vezes igreja da palavra, com "p" minúsculo. A opressão das boas obras não é mais um perigo tão grande como na época da Reforma. Muitas vezes, há muito mais uma ausência de bons frutos do que uma opressão de boas obras. Nisso, possivelmente, a igreja católica romana e as igrejas pentecostais possam nos ajudar.

O pano de fundo de muitas coisas que eu disse é a minha igreja brasileira. Se elas ou algumas delas valem aqui para o Chile, deve ser avaliado e estudado aqui. Agradeço pela oportunidade de compartilhar minhas reflexões com os irmãos e agradeço também por reflexões e experiências suas que posso levar para minha igreja no Brasil.

*Palestra proferida no dia 07 de setembro de 1982 em Puerto Mont, Chile, para uma Conferência Pastoral promovida pelos pastores da União Paroquial Puerto Mont/Valparaíso e destinada aos pastores da Igreja Evangélica Luterana no Chile, da Igreja Luterana no Chile e da União Paroquial Puerto Mont/Valparaíso.